

INFÂNCIA E A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE DO NORDESTE BRASILEIRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

*Mônica Matos Anuniação**

*Márcio Roberto Soares Dias***

RESUMO:

Este trabalho constitui um estudo sobre o romance memorialístico *Infância*, de Graciliano Ramos, e parte do argumento básico de que o viés ideológico presente em sua obra apresenta-se como um trabalho de elaboração consciente a partir da escolha estilística do autor. Em virtude de sua visão de mundo reflexiva e crítica Graciliano Ramos analisa as marcas impressas em suas personagens durante o processo de modernização desencadeada do Brasil dinamizada a partir do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Graciliano Ramos; Ideologia; Infância.

As relações entre ficção e realidade fora – e talvez ainda sejam, pelo menos entre os leigos – um dos elementos, às vezes o principal, mais controversos para se aferir a qualidade de uma obra literária. Antônio Cândido, em seu livro *Literatura e sociedade*, relativiza um pouco e trata do papel do contexto social exterior à obra negando-lhe o caráter absoluto ou independente, considerando-o, portanto, como de importância ou valor relativo. Para o crítico “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (CANDIDO, 2000, p.30). O olhar do analista não pode pairar apenas obra sobre elementos extrínsecos: o contexto histórico descrito no texto ou no qual o autor está inserido. Também não pode encarcerar a obrar numa visão

* Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

** Professor Adjunto do quadro efetivo do PPG/CECEL/UESB.

immanentista que enxerga diante de si apenas e somente a natureza do próprio texto, negando, por meio de um percurso analítico oblíquo, qualquer vinculação com a realidade externa ou material. Como aponta Antonio Candido, texto e contexto formam a base investigativa para a interpretação de qualquer obra literária.

É com esse olhar que não nega e nem se abstrai do texto e do contexto que nos propusemos, neste trabalho, a discutir como Graciliano Ramos traz para sua obra memorialística *Infância*, considerando-o não como um texto que rememorativo “documenta” costumes e vivências de dada época. A construção de suas visões de mundo tem implicações mútuas entre indivíduo e sociedade. Partimos do pressuposto que o autor de *Vidas Secas* não se deixa seduzir pelos artifícios de uma literatura panfletária nem pelo calor das relações imediatas. Sua ideologia deriva de uma contraideologia, no sentido atribuído por Alfredo Bosi em *Ideologia e contraideologia*, em que o crítico destaca que ideologia e contraideologia relacionam-se a um conjunto de ideias e valores, mas se diferenciam uma vez que a primeira propaga interesses particulares tomando-os como universais enquanto a segunda, a contraideologia, tem como propósito o bem comum¹. A ideologia graciliana presente em *Infância* é fundada no ato de recordar para discordar, maneira escolhida pelo romancista de revelar a angústia que aflige seus personagens. Evidenciada no modo como o escritor luta contra o discurso ideológico dominante, sua concepção ideológica se inscreve em sua pena na medida mesma em que escreve não somente sobre os aspectos sociais menos “nobres”, mas também sobre si mesmo num jogo contínuo entre ficção e rememoração, e numa busca obstinada por clareza e ordenação sintática.

Poder-se-ia deduzir que a opção estética do autor de *Angústia* em fundir literatura e experiência é típica de um escritor “modernista”, habituado aos modismos e às experimentações literárias. Uma análise da obra graciliana aponta que, a rigor, sua produção artística não esteve relacionada às inovações da Semana de Arte Moderna de 1922. Mas, sem dúvida, é ingênuo pensar que as inovações trazidas pelo movimento,

¹ PAVAN, Rosane. Precos de resistência. Entrevista de Alfredo Bosi concedida à revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/app/materia>. Acesso em: 29 ago. 2010.

principalmente aquelas relacionadas ao uso de uma linguagem mais livre, não favoreceram a recepção imediata do autor. Com sua linguagem “seca”, o romancista projetou-se na literatura regionalista do Brasil da década de 1930, sendo considerado um de seus principais representantes.

Em *Literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho (2004, p. 75) apresenta uma classificação da ficção modernista tomando por base as tradicionais divisões da literatura brasileira – a regionalista e a psicológica e de costumes. A partir dessa classificação, o crítico destaca a corrente social e territorial na qual predomina a técnica realista e documental com predominância do meio sobre o homem. Nessa corrente, o enredo gira em torno da seca, do cangaço, do latifúndio etc. – temas ligados ao meio rural –, e a vida da classe média, do proletariado e das lutas de classe – como problemas pertencentes ao meio urbano e suburbano. O autor apresenta ainda a corrente psicológica, subjetivista e introspectiva, com destaque na análise interior, nos problemas da alma e da consciência humana com ênfase na relação do homem com o seu próximo ou com o meio em que vive. Coutinho adverte que a distinção apresentada não é estanque e frequentemente autores se misturam nessas tendências, a exemplo de Graciliano Ramos.

A opção estética adotada em seus textos difere da opção da maioria dos escritores contemporâneos ao romancista, por sua abordagem realista da sociedade que o distancia da vertente do naturalismo “sociológico”, tão em voga entre os escritores da chamada geração de 1930. Para Carlos Nelson Coutinho

A obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da realidade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações. Nada existe nele em comum com aquele estreito *regionalismo*, que foi uma das manifestações brasileiras do naturalismo “sociológico”. O destino de seus personagens, seu modo de agir e reagir em face das situações concretas em que se encontram inseridos, são manifestações típicas de toda a realidade brasileira. No “regional”, a Graciliano, interessa apenas o que é comum a toda a sociedade brasileira, o que é “universal”. Mas não o universal abstrato e absoluto, pretensamente válido em toda e qualquer circunstância; a universalidade de Graciliano é uma universalidade concreta, ela se alimenta e vive da singularidade, da temporalidade social e histórica. O que lhe interessa não é a exemplificação, através da

literatura, de teses e concepções apriorísticas; é a narração do destino de homens concretos, socialmente determinados, vivendo em uma realidade concreta. Por isso, ele pode descobrir e criar verdadeiros *tipos* humanos, diversos tanto na média cotidiana como na caricatura abstrata. (COUTINHO, 1978, p. 73)

O movimento modernista do início do século XX mostrou-se como o período literário em que a absorção da realidade por parte dos artistas é mais notável, fato este que se justifica pela configuração do quadro político-econômico-social do Brasil no final do século XIX e início do século XX. O Nordeste brasileiro estampou com mais nitidez a situação semicolonial da sociedade brasileira pinçando um quadro de contradições “clássicas”, difícil de ser contornado. *Caetés*, primeiro romance de Graciliano, ainda está preso ao naturalismo descritivo em que são sobrepostas parcelas da realidade. Com *São Bernardo*, segundo romance, o autor passa a incorporar a crônica social, própria do romance clássico realista. A mudança na estrutura romanesca ocorre face ao amadurecimento pessoal do autor, que viveu entre o primeiro e o segundo romance a Revolução de 1930. As circunstâncias que circundaram esse evento histórico ajudaram a ampliar sua visão das forças sociais em choque na realidade brasileira. Nesse período, Graciliano passa a participar ativamente da vida política e social do país. Tal qual a cegueira, doença que acometeu o escritor em sua meninice, relatada no capítulo “Manhã” de *Infância*, a passagem do romancista pelo naturalismo foi momentânea.

Na sociedade brasileira semicolonial o homem se vê condenado a uma vida insignificante e preso a um “pequeno mundo”. Diante dessa situação de estagnação social desenrolam-se os dramas humanos, formam-se os laços afetivos, amalgamam-se as especificidades que caracterizam a sociedade brasileira desse período. Dentro dos limites do “pequeno mundo” forma-se o timbre dos membros dessa sociedade – muitos se veem confortáveis, enquanto outros veem no rompimento dessa prisão o único caminho para encontrar uma verdadeira comunidade humana.

A concentração da riqueza no setor orgânico da sociedade e a marginalidade social dos que ficavam fora do circuito capitalista é o retrato da sociedade brasileira desse momento. No decênio de 1920, o mundo ocidental assiste à sua maior transformação,

com o pleno desenvolvimento do capitalismo e o crescimento de uma ideologia utópica de caráter revolucionário que promoveu a visão humanista de mundo. No Brasil o capitalismo não se desenvolvia com as mesmas características, pois, como defende Nelson Coutinho, o capitalismo brasileiro serviu para fortalecer o isolamento do indivíduo e distanciar ainda mais o homem do “pequeno mundo de uma mesquinha vida privada” (1978, p. 76). Para o crítico esse contexto não favoreceu a criação de autênticas obras épicas e realistas, razão pela qual o primeiro romance de Graciliano, *Caetés*, tem uma estrutura mais naturalista que realista. Mas o capitalismo brasileiro, apesar de perpetuar a “velha sociedade estagnada”, abriu as portas para uma “possível renovação e progresso” e, não obstante todas as limitações, proporcionou algumas mudanças e despertou em alguns membros dessa sociedade estagnada a “inquietação” e o “inconformismo”. Graciliano Ramos fez parte desse grupo colocando-se contra o esquecimento histórico e social e percebeu o “novo” – sentimento de inconformismo e inquietação – trazendo esse elemento para sua produção literária. A escrita graciliana é uma tentativa de elevar as dores e angústias do homem, papel esse desempenhado por seus heróis problemáticos, jogados na falsa modernidade de um mundo alienado.

A construção do imaginário brasileiro da década de 1930 vivia um ritmo vertiginoso.

A instalação de um parque industrial no Brasil e a campanha nacionalista da Era Vargas promoveram uma visão linear da história brasileira e a inclinação a uma memória cèlere, evidenciada nas marchas patrióticas e campanhas de adesão do jovem ao espírito nacionalista, combinadas aos avanços tecnológicos a que eram submetidas as fábricas brasileiras. A essa memória veloz, contaminada de “patriotismo”, contrapõe-se a memória desafiada e repleta de lapsos, maneira graciliana de resistir às imposições da ideologia dominante de seu tempo. Consciente do seu papel de romancista soube separar sua personalidade artística de sua personalidade política, na medida em que, casualmente, poderia confundi-las. A separação entre as personalidades artística e política, contudo, não acontece por meio do desvencilhamento do romancista da realidade vivida. Tal postura seria impossível para o romancista, pois como ele mesmo adverte em entrevista

concedida a Homero Senna: “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou” (SENNA, 1948). O viver de Graciliano está intrinsecamente relacionado à sua honestidade intelectual. A arte de escrever não é para o romancista instrumento de mitificação dos seus correligionários de partido nem tampouco se dobra às imposições do PCB, partido ao qual não negava sua filiação.

A coerência entre o trabalho de romancista e a experiência de vida do homem Graciliano acontece naturalmente, como algo próprio da personalidade do escritor. Em suas obras memorialísticas, *Infância* e *Memórias do cárcere*, essa característica pessoal se manifesta claramente. Não obstante *Infância* ter se fixado no cânone literário brasileiro como um livro de memórias, observamo-la do ponto de vista da criação ficcional. Não simplesmente porque a própria memória, em si, ao voltar-se ao pretérito, defronta-se com uma impossibilidade: da pura e simples sobrevivência do passado. De fato, sabemos de antemão que a memória é um jogo contínuo e dialético entre o que passou e o que está acontecendo na atualidade. Ou seja, o ato de rememorar pressupõe muito mais do que reviver fatos e experiências pretéritos, numa espécie de nostalgia onírica; na verdade, significa reconstrução: ato intimamente ligado ao momento presente. E quando a memória reconstrói o passado, ela, em verdade, o faz a partir de imagens e concepções de sua própria atualidade. Mas, no caso específico de Graciliano Ramos, encontramos ainda um agravante: a impossibilidade de separar o Graciliano sujeito rememorante do Graciliano escritor extremamente hábil em sondar as profundezas da alma humana, febrilmente engenhoso em construir e apresentar personagens imersas em um intrincado universo existencial, sedimentado e denunciado pelo conflito e pela solidão interior:

Desse verão antigo que me alterou a vida restam ligeiros traços apenas. E nem deles posso afirmar que efetivamente me recorde. O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar fatos que atribuo realidade. Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, o açude estancou, as porteiras dos currais se abriram, inúteis. É sempre assim. Contudo ignoro se as plantas murchas e negras foram vistas nessa época ou em secas posteriores, e guardo na memória um açude cheio, coberto de aves brancas e de flores. A respeito dos currais há uma estranha omissão. Estavam na

vizinhança, provavelmente, mas isto é conjectura. Talvez até o mínimo necessário para caracterizar a fazenda meio destruída não tenha sido observado depois. Certas coisas existem por derivação e associação; repetem-se, impõem-se – e, em letra de forma, tomam consistência, ganham raízes. Dificilmente pintaríamos um verão nordestino em que os ramos não estivessem pretos e as cacimbas vazias. Reunimos elementos considerados indispensáveis, jogamos com eles, e se desprezamos alguns, o quadro parece incompleto. (Ramos, 2008, p. 27-28)

As obras de Graciliano Ramos abordam notadamente as questões sociais de seu tempo, mas elas não são somente denúncia. Absolutamente. Em grande parte, de fato, elas emergem da aguda percepção da dramática condição de sujeitos que vivem à margem da sociedade e em profundo estado de carência de afetiva. Mas, em vários momentos, uma autoanálise quase obsessiva se sobrepõe à análise social. Principalmente nesses instantes, a palavra literária forjada pelo romancista radicaliza uma característica que já é sua: a fundação de um mundo outro.

Neste trecho do capítulo “Verão”, de *Infância*, pode-se observar que a seca é uma constante. Graciliano presenciou muitas dessas secas nos lugares onde viveu. Mesmo que não lembre efetivamente dos detalhes desse espaço na escrita de um livro o processo de convencionalização pode acontecer por meio da “associação” e da “derivação”, como informa o romancista. O termo “verão” traz consigo um campo semântico: “dificilmente pintaríamos um verão nordestino em que os ramos não estivessem pretos e as cacimbas vazias”. E acrescenta: “É sempre assim”. Advém daí todos os outros elementos semânticos agregados ao termo “verão”, conferindo à narrativa (ou neste caso seria melhor determinar: à narrativa memorialística?) o caráter de veracidade. É interessante perceber que a descrição do verão – do passado – abdica da presunção de constituir-se com “fato verídico”. O passado não apresenta rigidez, mas mostra-se maleável, às vezes fugidivo. Trata-se de um tempo cuja marca mais perceptível é a presença de lacunas, as quais não se negam a ser preenchidas por tantos outros elementos subjetivos: a imaginação, a fantasia, as convicções, a visão de mundo de que rememora *et cetera*. Consciente disto, Graciliano Ramos não se intimida em usar certas expressões, sempre enunciadas em primeira pessoa, que dirime qualquer dúvida da sua forte carga subjetiva:

“me alterou”; “[não] posso afirmar que efetivamente me recorde”, “o hábito [de romancista, de simples sujeito rememorante?] me leva a criar um ambiente, imaginar fatos que atribuo realidade”; “contudo ignoro se as plantas murchas e negras foram vistas nessa época ou em secas posteriores, e guardo na memória um açude cheio, coberto de aves brancas e de flores”; “a respeito dos currais há uma estranha omissão. Estavam na vizinhança, provavelmente, mas isto é conjectura”; e daí por diante.

Em *Infância*, as relações problemáticas do menino com o meio são de uma intensidade psicológica tão profunda que beira ao rebaixamento do homem. Sob a marca do conflito e da falta relembra o pavor sentido num passado enevado pelas lacunas que habitam suas lembranças. Imerso nessas brumas, o romancista descreve sua mãe como “uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, (...) boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura”; diante dela, seu pai, o legítimo portador da violência, atenuava seu papel: “a voz dele perdia a violência, tomava inflexões estranhas” (RAMOS, 2008, p. 16).

As lembranças de Graciliano Ramos dão conta que o pai conhecera durante algum tempo a prosperidade, mas a instabilidade econômica advinda da modernização atingiu sua família. O capítulo “Chegada à vila” mostra as consequências da derrocada financeira e social: a família deixa o campo e se desloca para a vila. Esse período habita a memória de Graciliano de braços dados a uma bruma que, estilisticamente, nos é apresentada na forma do estranhamento que toma de chofre o menino Graciliano, lançado-o num mundo desconhecido: “De repente me vi apeado, em abandono completo, num mundo estranho, cheio de casas (...) sem alpendres, notáveis. Havia duas maravilhosas: uma de quadrados faiscantes, uma que se montava noutra. (...) longe da fazenda, considerei-me fora da realidade e só.” (RAMOS, 2008, p. 47).

O narrador, órfão não biológico, mas afetivo, já na fase adulta ensaia um gesto de compreensão do lugar de onde falavam seus pais, seres também órfãos da modernização: “hoje acho naturais as violências, que cegavam [o pai]. Se ele tivesse embaixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego (RAMOS, 1992, p. 30). O homem adulto, preso às grades de uma

prisão, busca explicação para tamanha violência física e psicológica e justifica, em *Memórias do cárcere*, o comportamento paterno na situação social. A esperança de reencontrar o *status* social somente é possível por meio de novas relações com pessoas de uma escala social mais elevada, condição essa evidenciada no capítulo “Venta-Romba”, em que o mendigo parece ser uma ameaça a um possível reencontro com o conforto. Nesse episódio o pai mostra a autoridade adquirida com as novas relações

Ofereceram a meu pai o emprego de juiz substituto e ele o aceitou sem nenhum escrúpulo. Nada percebia de lei, possuía conhecimentos gerais muito precários. Mas estava aparentado com senhores de engenho, votava na chapa do governo, merecia a confiança do chefe político – e achou-se capaz de julgar. Naquele tempo, e depois, os cargos se davam a sequazes dóceis, perfeitamente cegos. Isso convinha à justiça. Necessário roubar, absolver amigos, condenar inimigos, sem o que a máquina eleitoral emperraria. (RAMOS, 2008, p. 237).

O autor de *Vidas Secas* parece compreender os problemas que afligem o homem do século XX, ser fragmentado e complexo. A angústia e o pessimismo permanente de suas personagens são uma condição humana, marcada pela solidão. Sua problemática central consiste justamente nisso: a solidão do homem como marca de sua impotência frente aos problemas que a vida lhe impõe, como algo que resiste à realização humana e a uma vida realmente vivida. Talvez seja por isso que Otton Maria Carpeaux (1978, p.33), em seu ensaio “Visão de Graciliano”, tenha afirmado que os romances do autor são tentativas de findar “com o sonho de angústia que é a nossa vida”.

Cheia de emenda e rasuras, a escrita de Graciliano Ramos está, ela mesma, presa ao seu estilo que se constrói compondo um espaço de margens para inscrever o mundo. Assim como o avô do menino Graciliano de *Infância*, que não gostava de urupemas, seus textos são um meio de reelaborar a vida. O que não deixa de ser uma atitude política do texto literário. Persistente, o romancista escreve porque, como o menino sofrido de *Infância*, “perseverou nas urupemas rijas e sóbrias”, não porque as estimasse, como o avô também não as estimava, mas porque era sua expressão, mesmo a de cunho

memorialístico, havia que passar por essas peneiras de uma subjetividade construída ao logo de uma vida e à força de experiências.

INFÂNCIA ET NREPRÉSENTATION DE LA SOCIÉTÉ DU BRÉSIL DU NORD-EST LE DEBUT DE LA VINGTIÈME SIÈCLE

RÉSUMÉ :

Cet article est une étude de l'enfance roman mémoires de Graciliano Ramos, et partie de l'argument de base que le parti idéologique présente dans son oeuvre se présente comme un travail d'élaboration consciente des choix stylistique de l'auteur. Parce que leur vision du monde et critique réflexive Graciliano Ramos examine l'empreinte de leur caractère d'exclusion de la modernisation de rationalisation de l'année 1930 au Brésil.

MOTS-CLÉS : Mémoire, Graciliano Ramos; Idéologie; Enfance.

Referências

BOSI, Alfredo. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. Parte I- perfis e momentos de um conceito: notas de trabalho, p. 11- 18. pdf. Acesso em: 29 ago. 2010.

CARPEUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 25-33.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. 4. ed., São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2001.

FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. In: *Estudos Avançados*, vol.6 n°14. Jan./Abr. 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 29 ago. 2010.

RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. Vol. 1. São Paulo: Record, 1992.

_____. *Infância*. 39. ed. - rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Recebido em 19/05/2011.

Aprovado em 07/08/2011